

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Experiência e “recriação” das regras do futebol um processo de seleção de aspirantes a jogador*.

Túlio Velho Barreto, Jorge Ventura de Moraes y Glauber Lemos.

Cita:

Túlio Velho Barreto, Jorge Ventura de Moraes y Glauber Lemos (2009). *Experiência e “recriação” das regras do futebol um processo de seleção de aspirantes a jogador**. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1898>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Experiência e “recriação” das regras do futebol

um processo de seleção de aspirantes a jogador *

*Túlio Velho Barreto*¹

*Jorge Ventura de Moraes*²

*Glauber Lemos*³

1. INTRODUÇÃO

As 17 regras oficiais da Federação Internacional de Futebol (Fifa) fornecem, em geral, os contornos da ação humana necessária para o desenvolvimento de um padrão reconhecível como um jogo a que chamamos futebol, em oposição a outros tipos de jogos, incluindo-se os diversos tipos de futebol. Porém, são incapazes de prescrever de forma absoluta todas as ações necessárias para que uma partida se efetive. Como resultado, resta bastante espaço para decisões por parte dos jogadores na hora mesma de cada jogada.

Assim, jogadores de futebol, em um nível mais intenso do que os atores sociais em situações cotidianas, tem de tomar decisões e enfrentar contingências e incongruências durante uma partida. As decisões tomadas sobre como dar seguimento a um lance ou de como enfrentar eventual dificuldade colocada pelos adversários são resolvidas de forma prática a partir de conhecimentos adquiridos ao longo da formação futebolística.

* Este texto é baseado em pesquisa financiada pelo CNPq (Processo No. 400132/2008-7).

¹ Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (tuliovelho@uol.com.br).

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (venturademoraes@gmail.com).

³ Graduando em Ciências Sociais, bolsista PIBIC-UFPE (glauber.lemos@gmail.com).

É objetivo, pois, deste artigo, através de um estudo de caso, analisar como este estoque de conhecimento é adquirido, já nos primeiros anos de formação (Cf. Garfinkel, 2008[1967]). Porquanto, através de treinamentos, garotos, que aspiram à carreira de jogador de futebol, adquirem, como veremos na descrição e análise de dados recolhidos em um processo seletivo conhecido como “peneirão”⁴, o estoque de conhecimentos necessários ao enfrentamento das contingências e que os ajudarão na gestão das incongruências (Cf. Kew, 1986).

2. QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS: ETNOMETODOLOGIA E JOGOS DE INVASÃO

Em estudo fundamental para a compreensão das interações sociais, Garfinkel (1963) procura compreender como as estruturas sociais se mantêm. O autor parte de uma concepção que relaciona a produção e a reprodução da estrutura social ao modo como as pessoas concebem o ambiente social, ao passo que essas estruturas sociais são, também, as condições para a gestão planejada desses ambientes. Em seguida, Garfinkel sistematiza as idéias sobre a institucionalização e a estabilização da estrutura social, além de inferências a respeito da afirmação de aspectos estáveis dessa estrutura em que ações planejadas são garantidas por motivações em conformidade com uma ordem legitimada. Associados a essa ordem estão elementos de normalidade que são percebidos pelos indivíduos em seu ambiente social e em relações de interação como aspectos formais, tais como a probabilidade de ocorrência de um evento, a sua comparabilidade com outro evento anteriormente ocorrido e a necessidade deste estar em conformidade com uma ordem moral ou natural. Quando discrepâncias entre a expectativa de um evento e sua atual ocorrência existem, uma série de julgamentos com base nos elementos de normalidade é ordenada tendo em vista a normalização do evento em questão, a retomada da ordem social. Essas “surpresas desagradáveis”, segundo Garfinkel, são determinadas e determinantes das estruturas rotinizadas da ação.

Em seguida, Garfinkel parte em busca da apreensão de aspectos da ação rotinizada em que os estados de “anomia”, tidos como temporários e irregularmente distribuídos durante as interações bem como entre as estruturas sociais, possam ter sua frequência regularizada a fim de estabelecer o que pode ser feito para que uma pessoa se sinta confusa durante uma interação. Os estados de “anomia temporária” produzidos por Garfinkel partiram de situações estáveis em experimentos

⁴ “Peneirão” é uma expressão bastante no Brasil para designar um processo de seleção de aspirantes a jogador de futebol, realizado pelos clubes, envolvendo grande quantidade de garotos com idade inferior a 17 anos. Trata-se de analogia com o processo no qual um utensílio (uma peneira) é utilizado para selecionar no meio de grande quantidade de minerais, por exemplo, as pedras preciosas para que sejam, posteriormente, lapidadas.

realizados com jogos, inicialmente, e conversações, posteriormente, e estarão amparados pelo conceito de “confiança”. Estes dois elementos associados permitem uma reprodução de ações as quais têm por base a expectativa criada por uma pessoa sobre a “normalidade” acerca da ação produzida por outra. Dessa maneira, os experimentos realizados com jogos pressupõem um estado de “expectativas constitutivas” definidas pelas “regras básicas” dos jogos que determinam quais são as situações normais e os níveis de conformidade nos quais os jogadores atuam, além de constituir o desenho do esquema que permite o reconhecimento e a interpretação, pelos jogadores, do comportamento a ser empreendido em tais jogos e das expectativas que uns possuem em relação aos outros durante os transcorrer do jogo.

Dessa forma, na etnometodologia, mesmo as regras mais formalizadas (como nos esportes de invasão) possuem um percentual de incompletude que se manifesta por meio de aspectos, características dos jogos, não contemplados pela legislação (Kew, 1990), o que significa dizer que nenhuma forma de legislação ou procedimento normativo é “completo” e “fechado” o suficiente para conter todas as possibilidades de ação dos indivíduos. Assim, compreendemos que as regras são abertas a múltiplas interpretações por parte dos sujeitos que executam a ação, o que restringe a margem de previsibilidade dos resultados da ação e amplia consideravelmente sua flexibilidade. São tais questões que permearam nossas observações durante o “peneirão” do Náutico.

3. EXPERIÊNCIA E PRÁTICA NA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS FUTEBOLÍSTICOS EM UM PROCESSO DE SELEÇÃO DE ASPIRANTES A JOGADOR

Antes de abordar o “peneirão” é relevante destacar algumas características do Náutico, sua categoria de base e local onde foram realizadas nossas observações de campo.

3.1 O “peneirão” do Náutico, os atores envolvidos e seu ambiente

Fundado em 1901, o Clube Náutico Capibaribe disputa o Campeonato Brasileiro – Série A. Sua sede fica no Recife, capital de Pernambuco, estado do Nordeste, e seu Centro de Treinamento está localizado no bairro da Guabiraba, na Zona Norte da cidade.

No final de outubro de 2008 fomos convidados por José Roberto, supervisor da Divisão de Base do Náutico, para acompanhar um “peneirão”, no CT da Guabiraba. Tal processo – e seus desdobramentos até dezembro –, que será aqui relatado e analisado, ocorreu no campo de terra, sem grama, cercado por morros e localizado nos fundos do CT, distante de sua entrada.

No primeiro dia do “peneirão”, os garotos chegaram acompanhados de parentes e/ou amigos; outros, sozinhos. Segundo Levi Gomes, treinador dos juniores do Náutico e um dos selecionadores, “muitos desses garotos chegam a faltar às aulas para poder estar aqui”. Alguns vem de outras cidades, como um garoto de Escada, distante cerca de 50 km do Recife. Participam garotos nascidos entre 1991 e 1993. A maioria declara preferência por atuar na meia ou no ataque. Mas são informados que as posições em que jogarão durante o “peneirão” não serão decisivas nas observações e nos critérios utilizados pelos selecionadores.

A equipe de selecionadores é formada por Levi, Gena – treinador da escolinha do Náutico, que funciona no CT –, José Roberto e Márcio Gallupo, assistente de Levi. Os garotos são levados para uma preleção com Levi e Gena, no centro do campo, quando estes procuram deixar claro que os pontos observados durante o “peneirão” não estão relacionados com a posição indicada por eles, mas, sim, com seu desempenho técnico, sua capacidade de mostrar qualidades individuais, como o domínio e o passe de bola, chute, cabeceio, velocidade e habilidade no drible. São feitas, também, muitas observações sobre a necessidade praticar o jogo limpo, sem faltas graves. O sentimento de amizade e de coletividade é incentivado, o que se repetirá durante as partidas, em especial em jogadas mais ríspidas. Os garotos são insistentemente orientados para jogar “na bola”, tendo em vista o *fair-play*.

Após a primeira preleção, são distribuídos coletes vermelhos e azuis entre os garotos que formaram os times iniciais. Todos são colocados em suas posições de preferência, o que não ocorrerá, no entanto, nas últimas partidas.

Quando a partida começa, os garotos tentam alguma organização tática em campo, mas a falta de entrosamento dificulta até mesmo a comunicação entre eles. “Bora, zagueiro!”, e “Boa, goleiro!”, por exemplo, são expressões usadas durante a partida. Como poucos ali se conhecem, as posições são utilizadas na tentativa de uma comunicação que, em alguns momentos, também tem por objetivo ajustar taticamente os times. A ausência de árbitros assistentes provoca dúvida

entre alguns garotos. Como parece não haver preocupação com o impedimento, lançamentos são feitos para garotos em clara situação de impedimento, mas nada é marcado. A despreocupação demonstrada com a aplicação desta regra demonstra, na prática, que, no processo de seleção, a conduta do jogador em campo realmente é mais considerada do que a sua disciplina tática e a observância de todas as regras do futebol.

Durante a atividade, Levi pede mais disciplina: “eles tentam o melhor possível, mas a gente não deixa que usem a violência pra intimidar”. Em duas situações também são notadas algumas críticas com relação à cobrança de lateral. Primeiro, Gena observa um garoto que bate um lateral ao lado dele retirando um dos pés do chão ao lançar a bola, e reclama: “Eita! Que lateral é esse?!”. Pouco depois, Márcio, que está dentro de campo atuando como árbitro, marca reversão de um garoto que bate um lateral sem que a bola esteja acima da cabeça, realizando movimento incorreto.

3.2 Aquisição de novos conhecimentos a partir de “novas” práticas futebolísticas e da “recriação” das regras

Os atletas pré-selecionados nos três dias iniciais passaram, então, a integrar um grupo sob a orientação de José Roberto e Márcio. Assim, o “peneirão” de três dias ganhará contornos igualmente de treinamento até o final de dezembro, quando alguns fundamentos, aspectos técnicos e táticos do futebol passarão a ser ministrados por José Roberto. Esta seção trata exatamente de expor e analisar alguns desses momentos.

No dia 14 de novembro, após breves partidas, José Roberto selecionou um grupo ainda menor de garotos que, segundo ele, “são especiais”. Então, passou a ministrar treinos técnicos e táticos, e a prepará-los para o que viria mais adiante: a possibilidade de ser selecionado em definitivo pelos técnicos das equipes infantil, juvenil e de juniores. De fato, os treinos simulam situações de jogo e permitem aos garotos conhecer e enfrentá-las. São situações de ataque contra defesa, em que dois defensores tem pela frente três atacantes; de disputas de bola entre jogadores no meio de campo após a cobrança de um tiro de meta; de chute ao gol, com a bola parada ou em movimento, alternando o uso dos pés; de cruzamentos em direção à área, a partir de jogadas de ambos os lados, com a bola parada ou após rápidas trocas de passes entre dois jogadores etc.

Apesar de serem movimentos simples, para a maioria dos garotos é a primeira vez que eles precisam lidar com aspectos técnicos e táticos de jogo sob a supervisão de um técnico. O treinamento fornece aos aspirantes a jogador conhecimento e experiências futebolísticas mais próximas do profissionalismo, permitindo a aquisição do estoque de conhecimento a que alude Garfinkel (2008[1967]). A partir do conhecimento adquirido, os garotos poderão, então, orientar seu raciocínio prático em situações reais de jogo. Considerando o alto grau de contingências a que estão expostos os jogadores de futebol, as situações múltiplas de incongruência e o exercício de certos fundamentos do futebol neste estágio inicial se amalgamam em um conjunto de conhecimentos práticos que lhes permitirão enfrentar novas situações práticas durante uma partida.

Com relação às regras formais do futebol, os treinamentos ocorridos no dia 28 de novembro, por exemplo, nos revelaram aspectos interessantes. De fato, as disputas de bola nesse treino são mais acirradas. Há certa deficiência na marcação de laterais, escanteios e falta, o que leva os garotos a negociarem a posse da bola literalmente “no grito”. A situação às vezes é tão caótica que chega a confundir José Roberto. O número de faltas é grande. Em um dessas faltas, é marcado o tiro livre direto. A falta é próxima da área e o goleiro grita: “Eu quero quatro, quero quatro!”, indicando a formação da barreira. A confusão é tão grande que os garotos não sabem nem o local da falta, nem a distância em que a barreira deve ficar. Quando pedem ajuda a José Roberto, ele não dá muita atenção. Os jogadores então cobram a falta de qualquer maneira e o lance, que poderia levar perigo, termina sem conseqüências. Devido à forma acirrada como a partida é disputada, José Roberto é solicitado diversas vezes para arbitrar sobre cobranças de faltas, laterais e escanteios. Como aspirantes a jogador estão a meio termo entre o futebol profissional e suas formas “bricoladas”, existe evidente necessidade de controle das situações de ruptura por meio da gestão da incongruência. Esse papel cabe, quase sempre, a José Roberto. No entanto, quando ele não corresponde ao que lhe é solicitado, os garotos procuraram formas de resolver os impasses. Quase sempre essa forma é dada por quem grita mais e mais alto.

Além do grande número de faltas, boa parte dos garotos, no afã de demonstrar suas habilidades, insiste em correr com a bola, prendendo o jogo no meio de campo e criando poucas oportunidades de gol. Em outras ocasiões, dinâmica semelhante fora observada, mas, neste dia, a dificuldade parece ser maior, o que levou José Roberto a adotar uma atitude mais dura. Assim, introduz uma “regra” em que os garotos são obrigados a dar apenas dois toques na bola: um para o domínio; outro para o passe. O não cumprimento da nova “regra” resultará na perda da posse da bola e na marcação de tiro livre indireto para o time adversário. Inicialmente, grande parte dos garotos

demonstra surpresa, mas, na medida do possível, tentam cumpri-la. Alguns, com mais dificuldades, se irritam. “‘Professor’, não foram três, foram dois, foram dois [toques]!”, tenta negociar um dos garotos que foi punido. José Roberto, mediante insistentes pedidos, decide abolir a “regra”, ressaltando, no entanto, que “é livre agora, mas se prender muito a bola, eu boto os dois toques de novo rapidinho”. Eles parecem ter aprendido a lição, pois a partida passa a correr mais fácil e com mais objetividade.

Ainda são necessárias algumas observações acerca das condições em que as partidas ocorrem, da negociação e da aplicação das regras. De fato, a informalidade do campo e da arbitragem parece confundir os atletas sobre a necessidade de cumprir algumas delas. Pelo menos em três lances observados isso é evidente. Inicialmente, ao ver o centro ser batido para trás, o que contraria a regra, José Roberto reclama e determina que a jogada seja corrigida. Em outro momento, uma bola é recuada para o goleiro, que a segura com as mãos, o que também contraria uma das regras. Imediatamente, José Roberto paralisa a partida e repara a ruptura da regra, o que gera reclamações dos garotos, que defendem a iniciativa do goleiro. Por fim, um dos garotos toca a mão na bola e se desespera com a marcação de José Roberto: “Eeeei, ‘professor’! Foi bola na mão, ‘professor’!”. José Roberto ignora a reclamação e mantém a decisão.

Ora atuando como treinador, ora intervindo na partida de forma mais próxima à arbitragem oficial, José Roberto passa a organizar as barreiras e interrompe várias jogadas para corrigir o posicionamento dos jogadores. Em uma cobrança de escanteio, por exemplo, distribui jogadores do time adversário, colocando-os livres na “sobra”, isto é, na posição em que é possível pegar o rebote da defesa e puxar um rápido contra-ataque. Depois, mostra como a defesa está mal posicionada, pois não há ninguém marcando os atacantes adversários, nem alguém colocado para ficar com a “sobra”. José Roberto, então, orienta o posicionamento dos zagueiros e manda o lance seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que observamos, garotos foram obrigados a lidar com situações de “anomia temporária” em boa parte do tempo. Da organização da barreira à “nova regra” dos dois toques, passando pela marcação de laterais e faltas, muitos elementos pareciam fora de ordem. Dessa maneira, o exercício da gestão da incongruência se tornou constante entre os atletas. Quando estes não foram capazes de restaurar a ordem e recomeçar o jogo, as intervenções de José Roberto faziam este papel. No

entanto, em diversos momentos estava evidente que a preocupação maior de José Roberto não era a restauração da ordem por meio das regras, mas a implementação e o ensino de táticas, ou mesmo das regras, aos jovens aprendizes. O uso da autoridade ali exercido não correspondia necessariamente ao do árbitro de futebol. José Roberto cumpria mais a função de “professor”, de treinador preocupado com a cobrança de um centro irregular ou a organização dos times em situações reais de jogo.

No processo, os garotos também gozavam de certa liberdade, demonstrada nas diversas negociações entre eles e o “professor”. As trocas de experiências ocorridas durante o “peneirão” e as “novas” práticas introduzidas logo nos primeiros treinamentos contribuem para a formação do conhecimento futebolístico dos jovens atletas nelas envolvidos. Conhecimento que tem o objetivo de capacitá-los para possíveis e reais situações de jogo no futuro, seja em relação aos fundamentos e às táticas empregadas no futebol moderno, seja em relação às regras do jogo.

A partir de nossas observações e dos relatos dos atores sociais, no caso, aspirantes a jogador de futebol, podemos apreender acerca de processos de adaptação a situações de incongruência quando é preciso enfrentar situações de contingência. Como já apontado, a maioria dos garotos prefere as posições de atacante e meia-atacante. São poucos os que escolhem as posições de goleiro, zagueiro, volante, lateral ou ala. Certamente, isso implica na aquisição de conhecimento teórico e prático de sua posição de preferência.

Pois bem, diante do grande número de candidatos a certas posições, para mostrar seus dotes futebolísticos, muitos atuaram de forma improvisada em outras posições e com concorrentes desconhecidos. Como, então, gerir tal incongruência? Como observamos, no “calor do jogo”, os jogadores combinavam estratégias do tipo “quando um subir, o outro fica”, e vice-versa. Ou aquilo que parece embutido na resposta sintética de “fazer o melhor”, que parece significar, qualquer que seja a posição, original ou adaptada, correr, dominar a bola, desarmar o adversário, dar toques e bons passes etc.

Finalmente, alguns pontos importantes merecem ser destacados. Ecoando Garfinkel (1963 e 2008[1967]), nota-se que (i), aparentemente, as regras e o próprio exercício do futebol entre esses garotos se dão de forma naturalizada e irreflexiva, como parte do conhecimento comum, pressuposto de uma interação social; (ii) na etapa observada, a “relatabilidade” das estruturas e do processo de jogo entre os garotos ainda é precária; (iii) a preocupação com as regras não se

manifesta em relação a outros aspectos do jogo, tendo em vista a ausência de assistentes de arbitragem ou mesmo a pouca participação da arbitragem, que atuava apenas em alguns momentos; e (iv) a aquisição inicial das regras oficiais é menos importante para a seleção de garotos.

Bibliografia

- DAMO, Arlei Sander. 2007. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec.
- GARFINKEL, Harold. 1963. A conception of, and experiments with, "trust" as a condition of stable concerted events. In: HARVEY, O. J. (Org.). *Motivation and social interaction: cognitive determinants*. New York: The Ronald Press Company, p. 187-238.
- _____. 2008[1967]. *Studies in ethnomethodology*. Cambridge, Polity.
- KEW, Francis. 1986. Playing the game: an ethnomethodological perspective. *International Review for the Sociology of Sport*, Vo. 21, No. 4: 305-322.
- _____. 1990. The development of games: an endogenous explanation. *International Review for the Sociology of Sport*, Vol. 25, No. 2: 251-267.